

01

ENTREVISTA COM M. ELIZABETH GINWAY

Roberto de Sousa Causo (pesquisador independente)

*Recebido em 03 mar 2020.**Aprovado em 23 mar 2020.*

Roberto de Sousa Causo é Doutor em Letras em Estudos Lingüísticos e Literários em Inglês, atuando principalmente na pesquisa dos seguintes temas: ficção científica, literatura, ficção científica brasileira, cultura popular e história literária; possui ainda intensa atividade de divulgação e produção literária, nessas áreas; Graduado em Inglês/Português pela Universidade de São Paulo (USP-2004). Atua principalmente na pesquisa dos seguintes temas: ficção científica, literatura, ficção científica brasileira, cultura popular e história literária. Possui ainda intensa atividade de divulgação e produção literária, nessas áreas.



M. Elizabeth Ginway é professora associada do Departamento de Estudos Hispânicos e Lusófonos da Universidade da Flórida em Gainesville. Destacada especialista em literatura fantástica brasileira, ela é autora de *Ficção Científica Brasileira: Mitos Culturais e Nacionalidade no País do Futuro* e *Visão Alienígena: Ensaio sobre Ficção Científica Brasileira*, dentre outros estudos. Nesta entrevista exclusiva concedida a Roberto de Sousa Causo – outro pioneiro desbravador do fantástico nacional –, ela conta para a *Abusões* o solitário e admirável percurso de se estudar literatura fantástica brasileira nos Estados Unidos numa época em que pouco se estudava esse tipo de obra em terras tupiniquins. Conhecida como “Libby” entre os amigos, atualmente revisa o texto do seu terceiro livro, com título provisório de *Altered Bodies: Sexuality, Cyborgs and the Undead*, no qual compara a ficção especulativa do México e do Brasil.

P.: Como foi a sua trajetória acadêmica, com ênfase em se tornar uma brasilianista?

R.: Comecei a estudar o português em 1979. Tendo estudado francês e espanhol no ensino médio, optei pelo curso de Literatura Comparada para a licenciatura no Smith College, a maior faculdade de Liberal Arts and Sciences para mulheres. Na faculdade, comecei a estudar também a literatura e a política da América Latina, e achava a área dinâmica, cheia de questões de maior interesse do que as da literatura canônica da área de literatura comparada tradicional.

Depois do curso de Língua Portuguesa, o mesmo professor, Charles Cutler, ofereceu um curso no semestre seguinte que combinava os clássicos de Cinema Novo com leituras de romances como *Vidas Secas* e *Macunaíma* – as obras literárias

modernistas em que os filmes se baseavam. Também incluía obras experimentais como *Zero*, de Ignácio Loyola Brandão, e as comparações da política populista entre o filme *Terra em Transe*, de Glauber Rocha, e a peça teatral de *Ópera do Malandro*, de Chico Buarque. Esse curso sobre literatura e cinema brasileiros foi marcante para mim, com a combinação de cinema, literatura e música inspirando a incipiente brasilianista em mim.

Em 1981, me candidatei para fazer a pós-graduação em Letras (Espanhol e Português) na Vanderbilt University, e após um ano de estudo solicitei uma bolsa da Fulbright para estudar no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), na Universidade de São Paulo, com uma proposta para documentar contatos de intelectuais franceses com modernistas brasileiros. Como parte da proposta, disse que queria ser “brasilianista” e que esta bolsa seria uma parte fundamental da minha formação. Ganhei a bolsa e passei um ano em São Paulo, pesquisando, aprendendo a história brasileira, e viajando ao norte e ao sul do Brasil por um ano. Cheguei a frequentar aulas de professores conhecidos na época: Antônio Dimas, meu orientador no Brasil, Valetim Facioli e Alfredo Bosi.

No IEB, a Professora Telê Porto Ancona Lopes, que conhecia bem o arquivo de Mário de Andrade, localizou para mim uma série de artigos escritos por Benjamin Péret, um surrealista francês que conheceu Oswald de Andrade e que passou o período de 1929 a 1931 no Brasil. Foi essa a base da minha carreira de brasilianista, e devo muito a ela pela indicação.

Péret foi agitador trotsista, escreveu sobre de Revolta da Chibata e João Cândido, e como jornalista cobriu manifestações de religiões afro-brasileira, numa série de 12 textos chamada “Candomblé e Macumba”. Conviveu com intelectuais da família Houston no Rio, tendo casado com a cantora Elsie Houston. Foi expulso do país por ordem de Osvaldo Aranha. Aprendi bastante história brasileira tentando descobrir a trajetória de Péret no Brasil, e entrevistei intelectuais como Rubens Borba de Moraes, Lívio Xavier, Antônio Bento de Araújo Lima, Mary Pedrosa – irmã de Elsie e a viúva do crítico de arte Mário Pedrosa –, e o jornalista Hilcar Leite.

Foi uma aprendizagem valiosa, insubstituível, porque comecei a entender como Péret fora excluído, por razões não inteiramente claras, da história literária oficial. Mesmo parecendo que essa pesquisa tem pouco a ver com a minha pesquisa subsequente na área de ficção científica (FC) e literatura fantástica, formou uma base sólida de estudos sócio-históricos, confirmando também o meu interesse por temas marginais ou pouco estudados.

Vida de brasilianista aqui é dar aulas de língua, redação, cultura e literatura – e ir a conferências e publicar. É uma vida bastante solitária, mas o mais compensador é o interesse dos brasileiros pelo meu trabalho.

P.: Uma curiosidade de quem toma contato com seu trabalho está em como você se voltou para o estudo da ficção científica brasileira (FCB). Foi pioneira no tratamento da FC do Brasil como um assunto acadêmico legítimo, algo que vem ganhando força na academia brasileira.

R.: Como professora fazendo carreira numa universidade de pesquisa (Research 1 University), tive de publicar um livro acadêmico por uma editora universitária, para garantir a minha posição acadêmica. Tive um prazo de 1997 a 2003 para produzir o livro, e resolvi reescrever minha tese de doutorado focando a FCB.

Uma vez especializada na FCB, foi natural que eu continuasse, sobretudo porque na área de letras hispano-americanas, a FC ganhava mais força com os trabalhos da Andrea Bell, e de J. Andrew Brown, dentre outros. Desde então, tenho participado de conferências e recebido convites para escrever capítulos para livros de FC que foram moldando a minha produção nessa área. Historicamente, no decorrer da pesquisa para o meu livro *Ficção Científica Brasileira: Mitos Culturais e Nacionalidade no País do Futuro*, conheci vários escritores do gênero. Por ter contato prévio com Luciana Villas Boas, uma editora da Record que visitara a Universidade da Flórida em 1997, entrei em contato com Jorge Luiz Calife. Logo depois, ele me passou os contatos de Braulio Tavares, Gerson Lodi-Ribeiro e Roberto Causo. Tive a oportunidade de falar com todos em 2000 e conhecer a pesquisadora Rachel Haywood Ferreira, autora de *The Emergence of Latin American Science Fiction* (2011). Lembro que Braulio tinha uma coleção incrível de livros em casa e um interesse pela história da FC. Ele ficou supreso de conhecer a única outra pessoa que tinha lido *O Reino de Kiato* (1922), de Rodolfo Teófilo, além dele. A oportunidade de falar com estes autores e autores/pesquisadores foi fundamental para a realização do meu estudo, e lhes devo muito pelos materiais

e ideias fornecidas – além de uma convivência amistosa que dura até hoje.

P.: Na primeira fase de seus estudos da FCB, você se focou em como ela expressa as ansiedades em torno da modernização do Brasil. Qual é a singularidade dessa experiência brasileira, à luz da nossa FC?

R.: A ideia do livro era de examinar a produção da FCB como um barômetro da modernização, isto é, antes, durante e depois do governo militar. Por um lado, tais ansiedades a respeito da modernização são universais, porque em quase todos os casos, a modernidade suplanta e destrói tradições e identidades, como mostra Marshall Berman no seu estudo *Tudo o que é sólido desmancha no ar: A Experiência da Modernidade* (1982). Apesar de não citar a obra de Berman explicitamente no meu estudo, a ideia de choque cultural e a ansiedade de perder as qualidades que marcam a cultura brasileira forneciam material para o meu estudo. Por isso resolvi usar os ícones da FC de Gary K. Wolfe e sua representação de humanidade (robô e alienígena) e da paisagem (a cidade, a terra devastada e a nave espacial), e investigar como as narrativas brasileiras diferenciavam-se dos modelos ou paradigmas anglo-americanos. Para sondar estas diferenças culturais, usei a ideia de mitos de identidade brasileira, entre eles: o mito da terra verde e fértil, o mito da grandeza do território e destino brasileiros, o mito da democracia racial e do povo pacífico, para ver como eles ajudavam a explicar o *twist* brasileiro dos contos.

Para dar um exemplo, na geração dos anos 60 – a Geração GRD¹ –, a ideia do robô invasor, psicótico ou ameaçador de Asimov é muito diferente do robô brasileiro de Carneiro, Scavone, Queiroz, que é parte da família, amigo, amante. Argumento que isso vem de mitos culturais e da tradição de agregados, o legado da escravidão e do trabalho doméstico. Assim, a modernidade entra na casa, onde é moldada pela cultura brasileira. Outro caso é o alienígena que ou chega no Brasil, tira recursos e sai com o colonizador, ou fica totalmente alheio à humanidade – como nos romances de Jeronymo Monteiro *Os Visitantes do Espaço*, ou no conto de Dinah Silveira de Queiroz, “Eles Herdarão a Terra”. O sentido de impotência diante de forças colonizadores e a ansiedade e da Guerra Fria contribuem para essa visão da periferia.

Por outro lado, também existem fantasias de colonização invertidas, um tipo de narrativa que dá poder à cultura brasileira através dos alienígenas. Em “Má-Hôre” de Rachel de Queiroz, um pequeno alienígena identificado com uma cultura marítima consegue matar humanos sequestradores e comandar a nave para voltar ao seu planeta. Levy Meneses em “Ukk”, assim como Wilmar Sassi em “T-935”, descrevem alienígenas seduzidos ou abasileirados pelo contato com a cultura local. Assim, a cultura brasileira acaba vencendo não por armas, mas pelo poder da sua cultura. Estas são maneiras em que, apesar de talvez aparentar serem contos derivativos ou imitações, o filtro da cultura brasileira modifica os temas

1 Nome pelo qual ficou conhecido o grupo de escritores publicado pelo importante editor Gumerindo Rocha Dorea, cujas iniciais davam o nome à editora que fundou (Nota do Editor).

e paradigmas de cientificismo, conflito, força e conquista típicos da Idade Dourada da FC anglo-americana – para um questionamento dos paradigmas colonialistas e superioridade científico-racionalista. Estes últimos exemplos foram citados no *Routledge Companion to Science Fiction*, no capítulo sobre FC e pós-colonialismo.

Nos anos 70, surgem nas distopias as mesmas ansiedades, com a crítica velada do regime militar: uma tecnocracia instalada reprime toda forma de comportamento espontâneo, regulamenta a sexualidade e a reprodução, controla a mídia e a cultura, polui e destrói a natureza. Outra vez, surgem mitos de identidade brasileira, do país do povo dócil, da mestiçagem e da democracia racial, da terra verde. Todos ganham força para contestar o discurso modernizante que ameaçaria qualquer traço de brasilidade.

Nesse capítulo, estudei obras de autores mainstream como *Fazenda Modelo* (1974) de Chico Buarque, *Adaptação do Funcionário Ruam* (1975) de Mauro Chaves, *O Fruto do Vosso Ventre* (1976) de Herberto Sales, e *Um Dia Vamos Rir Disso Tudo* (1976) de Maria Alice Barroso. Vi que a mulher chega muitas vezes a fazer o papel de arquétipos tradicionais de traidora ou prostituta (Maria Magdalena), ou de sacrificadora ou mãe, salvadora do povo (a Virgem Maria), nas obras de Barroso, Chaves – e Ruth Bueno em *Asilo nas Torres* (1979). A obra mais complexa da época, *Não Verás País Nenhum* de Ignácio Loyola Brandão vai na direção da ecocrítica, além de criticar e questionar os mitos de identidade brasileira.

P.: Um dos desdobramentos mais interessantes da sua pesquisa foi a criação de um modelo de como abordar e interpretar a produção de FC de países do Terceiro em desenvolvimento. Fale desse modelo, e que reação a sua proposta despertou.

R.: Como brasilianista trabalho em relativo isolamento – às vezes acho que são poucos os que se interessam pela FCB; sou a única professora/pesquisadora (*tenured*) no meu departamento, onde os outros vinte são da área de Espanhol. Há outra professora brasileira que ministra e supervisiona aulas de cultura e língua, mas ainda assim são 2 a 20, ou seja, dez vezes mais. Tenho de manter o *major* e *minor* (concentrações de área) de Português, o programa de imersão no Rio de Janeiro, e ministrar todos os cursos avançados, já que meu outro colega se aposentou em 2016².

O meu modelo para analisar a FC pela realidade ou mitologia cultural foi, para mim, uma ferramenta útil no caso brasileiro. Acho que John Rieder e outros articularam a base colonialista da FC a partir do ponto de vista de países colonializadores. Era isso que quis fazer do ponto de vista de países mais periféricos. De certa forma, ao dizer que a produção de FC de países como o Brasil precisa ser analisada dentro de seus próprios paradigmas culturais, eu queria chamar atenção para a originalidade e para o gesto antropofágico ou anti-colonial, e que este gesto só é legível a quem conhece o contexto cultural, e que isto não deve ser omitido.

2 Recentemente, recebi um documento de uma agregadora de citações minhas que mostra certa repercussão com mais de 400 citações, com variantes do meu nome, e como todos os meus livros, artigos em todas as áreas (Machado de Assis, Rubem Fonseca), etc.

Assim, uma ferramenta como a dos mitos culturais poderia ser aplicada para sondar mais profundamente as preocupações e originalidade da produção de cada país. O crítico Luis Cano defende que todas os caminhos da FC hispano-americana conduzem a Borges, mas não sei se isto se aplicaria ao Brasil, porque as raízes da FCB seriam outras, vindo talvez do gótico e de Machado de Assis por um lado, e da vertente do fantástico de Murilo Rubião e Lygia Fagundes Telles. Para mim, a leitura da FC é moldada pelo contraste entre expectativas e paradigmas da FC, e a sua transformação pela cultura do país, marcado pelo contexto cultural.

Enquanto existe uma certa saudade cultural na produção dos anos 70, a geração pós-ditadura começa a parodiar, questionar e assimilar a FC do modo antropofágico da forma esboçada por Ivan Carlos Regina. Apesar de não ser compreendido na época, Regina exigia uma assimilação crítica dos paradigmas estrangeiros, e acredito que os bons autores começaram a realizar esta visão em obras de vários subgêneros: FC *hard*, FC da informática e cibernética, *cyberpunk*, história alternativa, *steampunk* e sustentabilidade. Tenho dedicado a maioria dos meus artigos à produção de autores contemporâneos (1980 até o presente), tentando assimilar o que puder de longe. Com o trabalho de Marcello Simão Branco e Cesar Silva no *Anuário Brasileiro de Literatura Fantástica*, de 2004 até 2014, testemunhei a explosão da FC&F no Brasil. Antes era mais fácil dar conta, mas agora, tenho que selecionar as leituras com o aumento de publicações na área.

P.: Atualmente, sua pesquisa assumiu com mais ênfase o feminismo e *the body politic*, já presentes na sua primeira fase. Como você trata essas teorias no âmbito da FCB?

R.: Comecei a perceber alguns temas recorrentes, como a corporalidade e insistência da FCB que recusava a idealização de nirvanas cibernéticas. Tenho um interesse recorrente na temática feminina e nas questões de gênero. Eu citaria o meu artigo de 2007 da revista *Foundation*³, em que notava fases da escritura de FC por autoras brasileiras: como a voz feminina da FC usava personagens masculinos na narração nos anos 80 e 90, para depois colocar mulheres em papéis masculinos a partir dos 2000 (soldada/funcionária de empresa/astronauta), parodiar e questionar esta voz masculina, ou assumir um ponto de vista mais feminino e feminista nos sub-gêneros de fantasia e horror. Continuei este trabalho sobre gênero com um artigo da *Luso-Brazilian Review* de 2010⁴, em que usava o termo “transgênero” para descrever personagens que transitavam entre os dois gêneros tradicionais, para mostrar como isso é tema recorrente na FC&F desde a época de Machado de Assis com “As Academias de Sião”, conto de 1884, e que surge de novo numa novela de Coelho Neto de 1908, *Esphinge*, e depois na temática do texto do modernista português Mário de Sá-Carneiro, *Confissão de Lúcio* (1914). A instabilidade de gênero, tema teorizado como performatividade por Judith Butler, parece uma faceta original

3 *Foundation* 2007, (99), primavera, 49-61. Disponível na revista eletrônica *Strange Horizons* (23 de setembro de 2013), em <http://strangehorizons.com/non-fiction/articles/recent-brazilian-science-fiction-and-fantasy-written-by-women/>

4 “Transgendering in Luso-Brazilian Speculative Fiction from Machado de Assis to the Present”. *Luso-Brazilian Review* 47(1) (junho 2010): 40-60. Disponível para download em <http://lbr.uwpress.org/content/47/1/40.refs>

da FC&F luso-brasileira. Autores como Fideli, Carneiro, Causo e Lodi-Ribeiro têm imaginado gênero de forma flexível, e, de certa forma, dando continuidade a textos anteriores.

Tenho um artigo sobre o fenômeno de oviparidade e gravidez nas letras latino-americanas em espanhol na *Revista Iberoamericana* (2017)⁵. Há textos escritos por Finisia Fideli no Brasil, por Marta Aponte Alsina em Porto Rico, e por Diana Tarazona no México; todas utilizam o conceito de oviparidade para reimaginar o dilema e sacrifício materno e os papéis de gênero e a criação de filhos. Cito estudos de feministas francesas conhecidas, como Irigaray, Cixous e Kristeva, que são teóricas que lidam com o corpo e fazem referência ao estado de gravidez e maternidade como temas dignos de análise crítica. A FC é um gênero que consegue reimaginar e reconstituir o corpo de forma verossímil ou científica por um lado, evocando a transformação que beira ao horror e à paródia por outro.

O tema do corpo político [*body politic*] tem mais a ver com a biopolítica, tema que recorre no meu artigo mais recente sobre os zumbis na literatura brasileira (*Alambique* 2018)⁶, e como a sociedade controla os corpos dos cidadãos. Estas ideias surgem primeiro de Foucault, e mais recentemente dos filósofos italianos Giorgio Agamben e Roberto Esposito. Acredito que, como mostra David Dalton nas letras latino-americanas, o zumbi não é tão temível na literatura latino-

5 “Simios, Ciborgues y Reptiles: La Oviparidad em Obras de Escritoras Latinoamericanas de Ciencia Ficción y Fantasía”. *Revista Iberoamericana*, LXXXIII(259-260), abr.-set.2017, 645-56. In <https://revista-iberoamericana.pitt.edu/ojs/index.php/iberoamericana/article/view/7524>.

6 “Eating the Past: Proto-Zombies in Brazilian Fiction 1900-1955”. *Alambique: Revista Académica de Ciencia Ficción y Fantasía*, 6(1), dez. 2018, artigo 7. In <https://scholarcommons.usf.edu/alambique/vol6/iss1/7/>.

americana porque os regimes colonialistas da região criaram *zumbis metafóricos* (termo meu) que tentavam resistir a sua exploração através da ideia antropofágica, contestando a civilização hegemônica. Então, retomo textos como “A Nova Califórnia” de Lima Barreto, ou “Flor, Telefone, Moça” de Carlos Drummond de Andrade como textos de zumbis metafóricos para mostrar a convivência com formas de exploração de mão de obra escrava ou do novo consumismo para ilustrar como a biopolítica faz parte de um sistema econômico global.

P.: Outro desenvolvimento de interesse recente no seu trabalho foi o transbordamento do seu campo de pesquisa para a FC hispano-americana. Como tem sido essa extensão do seu objeto de pesquisa, e que conclusões você tem alcançado?

R.: Justamento pelo isolamento que sinto como uma das poucas pesquisadoras da FC brasileira, resolvi puxar o diálogo com outros colegas da área. Embora isso pareça um interesse mais recente – isto é, a FC hispano-americana –, ele remonta a uma aula que dei em inglês em 2009 sobre a FC latino-americana baseada na antologia *Cosmos Latinos* e em traduções de contos brasileiros de FC. Em 2010, ganhei uma bolsa da UF para pesquisar a FC em espanhol. Usei a verba para me consultar com J. Andrew Brown, para a elaboração de uma antologia de ensaios, o que resultou no livro *Latin American Science Fiction: Theory and Practice* (2012), e para duas viagens ao México: uma para um simpósio em Tijuana e outra para consultar Miguel Ángel Fernández Delgado na Cidade do México. Inclusive já dei duas aulas em espanhol sobre a FC hispano-americana em 2014 e em 2016. Embora o meu espanhol não seja tão fluente

quanto o português, tinha dado aulas de língua em espanhol durante a pós-graduação na UF e na Emory University.

Escolhi me focar no México porque a trajetória da FC mexicana é similar à brasileira (com certas diferenças, claro), e porque representa outro Estado que, de certa forma, baseou a sua identidade cultural e legitimidade política – como o Brasil – na ideia de mestiçagem ou do povo mestiço. Ao examinar a literatura especulativa dos dois países, que tem sido marginalizada pela preferência à literatura modernista/experimental ou neorrealista⁷, descobrimos uma outra história literária de uma literatura marginalizada: a de corpos de gênero ambíguo, ou de corpos dilacerados e remontados pela tecnologia ou a de corpos ressuscitadas como mortos-vivos. Esses textos, venho argumentando, reconstituem o *corpus* da FC nacional dos dois países, enquanto ilustram o que Angel Palou tem chamado de o “fracasso do mestiço” do Estado no cinema e na literatura do México. Ao examinar o corpo sexual, o corpo do ciborgue e do desmorto (vampiros e zumbis), constrói-se uma história literária alternativa, da resistência do corpo e de um *ethos* alternativo que desafia o discurso modernizante legitimada pela retórica da mestiçagem. Assim, a literatura periférica (especulativa) desses países ganha voz e força enquanto devora, antropofagicamente, ou resiste, por um *ethos* barroco – de acordo com o filósofo Bolívar Echeverría – os modelos estrangeiros e a hipocrisia do estado. A biopolítica forma a base da análise, com capítulos traçando exemplos do século XIX ao presente. Enfim, o título provisório do meu projeto já

7 Ver o artigo de Pepe Rojo sobre a marginalização da FC mexicana: <http://cfm.mx/?cve=11:19>.

mudou várias vezes, mas o *working title* básico é “O Corpo na Ficção Especulativa Mexicana e Brasileira”. Outros projetos futuros incluem a possível tradução de *A Espinha Dorsal da Memória* (1989) de Braulio Tavares, e uma antologia de contos brasileiros de FC traduzidos para o inglês com os jovens colegas James Krause e Christopher Lewis para a Vanderbilt University Press. Tenho obrigações de publicar artigos sobre *cyberpunk* latino-americano, a influência de *Frankenstein* e Mary Shelley no Brasil, sobre a série Netflix *3%* e outro sobre vampiros brasileiros. Tudo até agosto. Veremos se consigo.